

# Revistas Médicas e Formação em Medicina Geral e Familiar

## Hábitos e necessidades de leitura de Internos e de Orientadores de Formação do Internato Complementar

JAIME CORREIA DE SOUSA\*, ANA MATEUS\*\*

### RESUMO

**Justificação:** O Internato Complementar é um momento privilegiado de estímulo a práticas de educação médica contínua de qualidade e de divulgação da produção científica, cujas características será útil conhecer para planear estratégias de actuação nessa área.

**Objectivos:** Caracterizar os hábitos e as necessidades de leitura de revistas médicas, as estratégias de acesso à informação e a publicação de trabalhos científicos dos Orientadores de Formação (OF) e dos Internos Complementares (IC) de Clínica Geral.

**Tipo de estudo:** transversal e analítico.

**População e local:** IC e OF do Internato Complementar de Clínica Geral da Zona Norte de Portugal activos em Abril e Maio de 2001.

**Metodologia:** Obteve-se uma amostra de conveniência que incluiu 72 IC e 48 OF, à qual foi aplicado um questionário auto-administrado.

**Resultados:** A revista mais referida nos hábitos de leitura foi a Revista Portuguesa de Clínica Geral (RPCG), mencionada por 60% dos inquiridos; 55% dos inquiridos dedicou, na semana prévia, 1 hora ou menos à leitura de revistas médicas. Os OF gastaram mais tempo do que os IC na leitura de artigos científicos.

Cerca de 94% dos respondentes tinham acesso a um computador pessoal; 85% destes tinham acesso à Internet.

Os IC parecem utilizar significativamente mais a Internet do que os OF para pesquisas na Medline. Só cerca de 1/4 dos inquiridos tinha publicado artigos científicos em revistas médicas, 53% dos quais estudos originais. A revista de publicação mais referida foi a RPCG. Os OF publicaram mais do que os IC.

**Discussão:** Os hábitos de leitura parecem resultar directamente das necessidades formativas ou da prática dos inquiridos. Os Internos parecem mais familiarizados com a Internet. Os Formadores, tendo tido maiores oportunidades, publicaram mais trabalhos científicos. Os resultados evidenciam uma menor disponibilidade de tempo para a leitura de revistas médicas do que outros trabalhos encontrados na literatura.

**Palavras-Chave:** Formação Médica Contínua; Revistas Médicas; Internato Complementar de Clínica Geral.

### INTRODUÇÃO

O ritmo de produção de nova informação científica em Medicina tem aumentado significativamente nos últimos anos<sup>1</sup>. Em 1991, era já estimado o número de revistas médicas existente em todo o Mundo como sendo superior a 30.000, e tendo um período previsível de duplicação de cerca de 19 anos<sup>2</sup>. A questão que se coloca actualmente em relação ao acesso à informação sobre determinado tema científico centra-se cada vez menos sobre a sua existência, e cada vez mais sobre a possibilidade da sua localização e obtenção em tempo útil e de forma económica<sup>3</sup>.

Em Medicina Geral e Familiar, a formação médica contínua, dever e responsabilidade profissional de qualquer

\*Médico de Família, USF Horizonte, CS de Matosinhos  
Orientador de Formação do Internato Complementar de Clínica Geral  
\*\*Médica de Família, USF Oceanos, CS de Matosinhos

médico<sup>4</sup>, assume características próprias<sup>1</sup>. Sendo o Médico de Família responsável pela prestação de cuidados globais a indivíduos que podem apresentar todo o tipo de problemas de saúde, de qualquer sexo ou idade<sup>5</sup>, é-lhe necessária uma actualização regular e satisfatória em todos os campos da Medicina Clínica – a um nível relevante para a sua prática – e também em aspectos epidemiológicos, sociológicos e antropológicos específicos da Medicina Geral e Familiar (MGF)<sup>1</sup>.

Lidar racionalmente com o grande volume de informação disponível, de modo a seleccioná-la e a torná-la rentável para a aquisição de boas práticas em MGF, é uma aptidão que se adquire, e o Internato Complementar um período privilegiado para o seu desenvolvimento.

Num estudo realizado entre Médicos de Família holandeses, 85% deles declararam usar como fonte de informação preferencial as revistas médicas<sup>6</sup>. A importância relativa deste recurso relaciona-se, no entanto, com diversos factores. Assim, parecem ser os médicos com responsabilidades no ensino pós-graduado da MGF<sup>7</sup> e os mais velhos<sup>8</sup> aqueles que mais lêem. Por outro lado, o exercício em comunidades rurais tem sido associado a menor acesso a algumas das tecnologias da informação actuais, como a *Internet*, e a menor contacto com publicações médicas periódicas<sup>9</sup>.

Em Portugal são escassos os trabalhos sobre o tema. Num inquérito realizado a 77 internos complementares de especialidades hospitalares em 1992, as revistas médicas revelaram-se também a fonte de educação contínua mais utilizada. Verificou-se um predomínio de jornais médicos nacionais, muitos deles apenas de carácter informativo geral e sem sistema de revisão inter-pares dos artigos publicados<sup>10</sup>. Entre os médicos de Clínica Geral com e sem responsabilidades formativas da Zona Norte de Portugal foi também

identificada a leitura como a estratégia preferida de educação médica contínua, de acordo com outros dois estudos publicados<sup>11,12</sup>. Não foram encontrados, na revisão efectuada, trabalhos portugueses com metodologias que permitissem estudar estas questões no contexto do Internato Complementar.

Dada a curta duração do Internato Complementar de Clínica Geral, torna-se necessário utilizá-lo com eficácia na promoção de práticas de actualização profissional adaptadas às necessidades da MGF e dirigidas segundo critérios de qualidade dos recursos seleccionados. Para tal, será útil conhecer o papel das revistas médicas na educação médica contínua de Internos e de Orientadores de Formação.

### OBJECTIVO

Caracterizar os hábitos e necessidades de leitura de revistas médicas, as estratégias de acesso à informação e a actividade de publicação de trabalhos científicos dos Orientadores de Formação e dos Internos Complementares de Clínica Geral da Zona Norte de Portugal.

### METODOLOGIA

Realizou-se em Abril e Maio de 2001 um estudo observacional transversal e analítico que teve como população em estudo o conjunto dos Internos Complementares (N= 145) e dos Orientadores de Formação (N= 71) activos àquela data no Internato Complementar de Clínica Geral da Zona Norte (ICCGZN).

Para tal, foi utilizada uma amostra de conveniência constituída pelos Internos e pelos Orientadores presentes em duas reuniões dirigidas, respectivamente, a cada um dos grupos, promovidas e divulgadas pela Coordenação do Internato, que tiveram lugar no período atrás definido. Procurou-se que o maior nú-

mero possível de presentes respondesse ao questionário, tendo este sido entregue no início das reuniões e o seu preenchimento lembrado por várias vezes no decurso das mesmas. A amostra incluiu 72 Internos e 48 Orientadores de Formação, com uma dimensão total de 120 questionários.

A esta amostra foi aplicado um questionário desenhado para o efeito (Anexo 1). Compunha-se de 25 questões com formas diversas de resposta, foi auto-administrado e respondido de forma anónima.

As variáveis em estudo incluíram dados demográficos e relativos à situação na carreira de MGF, hábitos relativos à leitura de artigos científicos, disponibilidade de recursos para acesso à informação, insuficiências detectadas na oferta editorial existente na área em Portugal e antecedentes de publicação prévia de trabalhos científicos (Anexo 1). Os concelhos de exercício profissional foram agrupados em 3 grupos designados por Interior Norte, Litoral Norte e Grande Porto, adaptados da 3ª versão da Nomenclatura das Unidades Territoriais para Fins Estatísticos<sup>13</sup> (Anexo 2), e estruturados de acordo com as semelhanças e as características socio-demográficas dos vários concelhos.

As respostas obtidas foram pré-codificadas e posteriormente gravadas em folha de cálculo do Microsoft Excel 2000,<sup>14</sup>. Utilizou-se o SPSS 7.5 for Windows,<sup>15</sup> para o tratamento estatístico dos dados, tendo sido aplicados os testes de  $\chi^2$  para comparação de frequências de variáveis qualitativas e t de Student para comparação de médias. Foi considerado um nível de significância para a aceitação de diferenças estatisticamente significativas de  $p < 0,05$ .

Metodologia incluiu cerca de 68% dos Orientadores de Formação (OF) e 50% dos Internos Complementares (IC) de Clínica Geral da Zona Norte à data do estudo. Sessenta por cento dos inquiridos eram IC.

Eram do sexo feminino 77 respondentes (64,7 %).

A distribuição etária dos inquiridos evidenciou um predomínio das classes etárias dos 25-29 (27,6%) e dos 45-49 anos (20,7%); seguem-se-lhes as dos 30-34 e dos 40-44 anos, cada com 16,4% dos inquiridos, e a dos 35-39 anos, com 11,2%. O grupo menos representado foi o dos indivíduos entre os 50 e os 54 anos, que correspondeu a 7,8%.

A média de idades foi de 31,9 anos para os Internos (IC a 95%: [30,6-33,9]) e de 45,5 anos para os Orientadores, sendo a diferença entre estas médias estatisticamente significativa ( $p < 0,001$  para IC a 95% [11,8-15,4]).

Dos IC participantes no estudo, 28% eram do 1º, 34% do 2º e 38% do 3º ano do Internato. Entre os OF, 21% eram assistentes, 67% consultores e 12,5% chefes de serviço de MGF.

Agrupados os Concelhos do Norte de Portugal do modo descrito na Metodologia, verificou-se que 61 % dos inquiridos provinham de Centros de Saúde do Grande Porto. Cerca de 23% trabalhavam na zona Litoral Norte e 15% no Interior Norte de Portugal.

A comparação das variáveis demográficas da amostra e da população em estudo não evidenciou diferenças estatisticamente significativas entre ambos os conjuntos. O mesmo se observou relativamente à distribuição geográfica e por anos do Internato e graus de progressão na carreira de MGF.

## RESULTADOS

### A. Caracterização Geral da Amostra

A amostra obtida da forma descrita na

### B. Hábitos de Leitura

No estudo das 5 revistas médicas mais conhecidas e reputadas pela sua qualidade entre os inquiridos, a mais referi-

da foi a *Revista Portuguesa de Clínica Geral*, indicada por 70 % dos IC e OF, seguida a alguma distância por duas traduções de publicações anglo-saxónicas destinadas à *Clínica Geral*: a *Postgraduate Medicine* e a *Update*.

As revistas referidas pelos inquiridos como alvo de leitura regular foram sensivelmente as mesmas que as consideradas de qualidade, e em geral pela mesma ordem de frequência, sendo no entanto menos lidas que conhecidas. A *Revista Portuguesa de Clínica Geral* foi também a mais lida com regularidade, por cerca de 60% dos respondentes (Quadro I).

Mais de metade dos inquiridos (55%) referiu ter dedicado na semana prévia ao estudo 1 hora ou menos à leitura de revistas médicas. Cerca de 24% empregara para esse fim 2 horas; 13% haviam lido durante 3 horas e 8% durante 4 ou mais horas.

Fazendo um cálculo aproximado que considere 4 grupos, cujos indivíduos terão lido 1, 2, 3 e 4 horas respectivamente, foram gastas em média 1,7 horas semanais naquela actividade. O

grupo de uma hora de leitura incluiu, para facilitação do cálculo, igualmente os indivíduos que afirmaram ler lido menos de uma hora na última semana.

Quando comparadas as respostas de OF e IC, os primeiros declararam ter gasto na semana anterior ao estudo mais tempo do que os segundos na leitura de artigos científicos, o mesmo se passando relativamente aos inquiridos de classes etárias mais velhas, quando comparados com os mais jovens. Não foram encontradas diferenças significativas entre os sexos, áreas geográficas de exercício profissional, anos do Internato ou graus da carreira de MGF (Quadro II). Fazendo um cálculo aproximado pelo mesmo método acima descrito, encontram-se valores de 1,4 horas e 2,1 horas semanais de leitura para os IC e para os OF, respectivamente.

A um artigo de interesse médio numa revista, 69 % dos inquiridos afirmou dispensar até 15 minutos de atenção. Vinte e dois por cento dos respondentes referiram gastar entre 15 e 20 minutos, e 9% mais de 20 minutos com um texto deste tipo.

## QUADRO I

REVISTAS MÉDICAS CONHECIDAS/CONSIDERADAS DE MAIOR QUALIDADE LIDAS REGULARMENTE,  
POR ORDEM DECRESCENTE DE FREQUÊNCIA DE MENÇÃO

NOME DA REVISTA	% CONHECIMENTO	% LEITURA
Revista Portuguesa de Clínica Geral	70,0	60,0
Postgraduate Medicine	57,5	48,3
Update	54,2	40,0
British Medical Journal	40,8	26,7
Outras revistas portuguesas	35,8	32,5
The New England Journal of Medicine	26,7	10,8
Outras revistas não ibéricas	26,7	18,3
Patient Care	20,8	16,7
Acta Médica Portuguesa	18,3	14,2
Revista Portuguesa de Cardiologia	17,5	12,5
Journal of the American Medical Association	16,7	5,8
Revistas espanholas	15,8	10,8
The Lancet	15,0	2,5
American Family Physician	13,3	9,2

QUADRO II

TEMPO DE LEITURA DE REVISTAS MÉDICAS NA SEMANA ANTERIOR AO INQUÉRITO E VARIÁVEIS DEMOGRÁFICAS E RELATIVAS À SITUAÇÃO PROFISSIONAL

	TEMPO DE LEITURA, n (%)					p
	<1 h	1 h	2 h	3 h	≥ 4 h	
SEXO						
Masculino	11 (26)	10 (24)	12 (29)	5 (12)	4 (9,5)	0,357
Feminino	14 (18)	31 (41)	15 (20)	11 (14)	5 (7)	
GRUPO ETÁRIO						
25-34 anos	14 (28)	24 (48)	6 (12)	3 (6)	3 (6)	0,007
35-44 anos	6 (19)	10 (31)	6 (19)	7 (22)	3 (9)	
45-54 anos	5 (15)	5 (15)	14 (42)	6 (18)	3 (9)	
ÁREA GEOGRÁFICA						
Grande Porto	16 (23)	28 (41)	13 (19)	8 (12)	4 (6)	0,575
Litoral Norte	6 (22)	8 (30)	7 (26)	3 (11)	3 (11)	
Interior Norte	3 (18)	3 (18)	6 (35)	4 (24)	1 (6)	
SIT. RELATIVA À FORMAÇÃO						
Interno	21 (30)	29 (41)	10 (14)	6 (9)	4 (6)	0,001
Orientador	4 (8)	12 (25)	17 (35)	10 (21)	5 (10)	
ANO DO INTERNATO						
1º	6 (30)	8 (40)	3 (15)	2 (10)	1 (5)	0,839
2º	8 (35)	11 (48)	3 (13)	0 (0)	1 (4)	
3º	7 (26)	10 (37)	4 (15)	4 (15)	2 (7)	
GRAU NA CARREIRA DE MGF						
Assistente	1 (10)	4 (40)	1 (10)	3 (30)	1 (10)	0,293
Consultor	3 (9)	8 (25)	14 (44)	4 (13)	3 (9)	
Chefe de Serviço	0 (0)	0 (0)	2 (33)	3 (50)	1 (17)	

Cerca de 45% dos participantes no estudo declararam ler estudos originais, descrevendo-se 20% deles como leitores frequentes deste tipo de artigos. Significativamente mais inquiridos (58,1%) afirmaram ler artigos de revisão, e também uma maior proporção deles (23,1%) referiu fazê-lo frequentemente ( $p < 0,05$ ).

Não foi aparente nenhuma relação entre as características sócio-demográficas dos inquiridos e a leitura frequente de um ou de outro daqueles dois tipos de artigo. No entanto, observou-se que o grupo daqueles que referiram a autoria anterior de artigos científicos publicados apresentavam uma prevalência significativamente superior de leitores frequentes de estudos originais (58%),

comparativamente com os colegas que não haviam publicado previamente (22%) ( $p < 0,05$ ).

O domicílio era o local mais utilizado para a leitura de revistas científicas, com 96% dos inquiridos afirmando fazê-lo também ou só aí. Cerca de 23% dos inquiridos referiu ler habitualmente revistas no local de trabalho, e proporção semelhante em bibliotecas. Descreveram o domicílio como opção preferencial para a leitura de revistas médicas 91% dos inquiridos.

### C. Necessidades de Leitura e Recursos de Acesso à Informação

Pouco mais de um quarto dos inquiridos (25,9%) considerou insuficientes os conteúdos das revistas médicas publi-

QUADRO III

INSUFICIÊNCIAS IDENTIFICADAS NOS ASSUNTOS COBERTOS PELAS REVISTAS PUBLICADAS EM PORTUGAL

TEMAS	n (%)
Sem resposta	11 (32)
Investigação	7 (21)
Revisões sobre patologia comum em MGF	6 (18)
Saúde materna/infantil	3 (9%)
Terapêutica	2 (6%)
Guidelines	2 (6%)
Temas adaptados à realidade portuguesa	1 (3)
Saúde mental	1 (3)
Cardiovascular	1 (3)
Ortopedia	1 (3)
Reumatologia	1 (3)

cadáver actualmente em Portugal para a satisfação das suas necessidades de leitura.

Quando solicitada a particularização dos temas insuficientemente cobertos pelas publicações disponíveis, mais de 30% dos inquiridos que afirmaram na questão anterior a sua existência não responderam. Entre aqueles que o fizeram, foram a investigação e as revisões sobre patologia comum em MGF as áreas identificadas como mais carenciadas (Quadro III).

As secções a priorizar numa publicação destinada à MGF mais pontuadas pelos inquiridos (a quem foi pedido para

QUADRO IV

SECÇÕES A PRIORIZAR NUMA PUBLICAÇÃO DESTINADA À MGF, SEGUNDO A ORDEM DE PREFERÊNCIA DOS RESPONDENTES

SECÇÕES	Média de pontuações	Desvio padrão
Guidelines/EBM	1,29	1,21
Revisão de temas clínicos	1,25	1,22
Estudos originais	0,95	1,21
Formação	0,83	1,15
Casos clínicos/prática	0,75	0,91
Opinião	0,27	0,70
Cartas ao Editor	0,03	0,28
Editoriais	0,009	0,09

seleccionar, por ordem de preferência, 3 das apresentadas) foram as de *guidelines/evidence-based medicine* (EBM), de trabalhos de revisão e de estudos originais (Quadro IV).

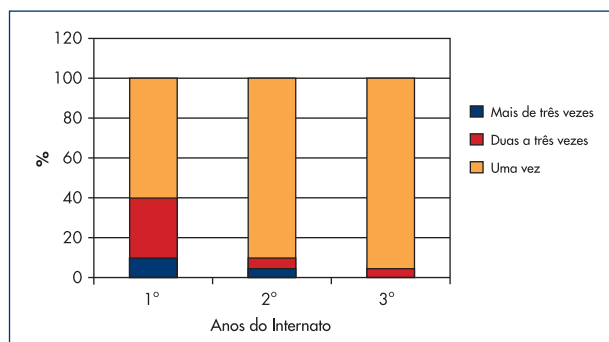
As funções mais valorizadas para uma publicação com aquelas características são as de contribuição para a formação médica contínua, a criação de padrões de qualidade da prática clínica e a divulgação de trabalhos de investigação (Quadro V).

A quase totalidade dos inquiridos já tinha tido necessidade de consultar artigos em revistas médicas, facto que para 89 % deles ocorrera mais de três vezes anteriormente. Oito por cento fize-

QUADRO V

FUNÇÕES DE UMA PUBLICAÇÃO DESTINADA À MGF, SEGUNDO A ORDEM DE PREFERÊNCIA DOS RESPONDENTES

Funções	Média de pontuações	Desvio-padrão
Formação médica contínua	2,31	1,02
Criação de padrões de qualidade da prática clínica	1,42	1,09
Divulgação de trabalhos de investigação	1,08	1,03
Informação médica geral	0,36	0,74
Debate de opiniões e ideias	0,30	0,60
Divulgação de experiências locais	0,13	0,43
Informação geral e aspectos lúdicos	0,03	0,16



**Figura 1.** Necessidades anteriores de consulta de artigos em revistas médicas relacionadas pelos Internos dos 3 anos do Internato.

ra-o duas a três vezes, 2,6 % apenas uma vez e 0,9% nunca necessitara previamente de o fazer.

Não se encontraram diferenças significativas, quanto à necessidade de consulta bibliográfica anterior, no que às variáveis demográficas dizia respeito. Também não foram observadas diferenças relativas a este aspecto entre OF e IC, nem entre OF em diferentes graus da carreira de MGF. No entanto, verificou-se que os Internos dos anos mais avançados relataram consultas anteriores de artigos mais frequentes, sendo as diferenças estatisticamente significativas ( $p < 0,05$ ) (Fig. 1).

As formas de selecção de artigos mais utilizadas pelos inquiridos foram a consulta das referências bibliográficas de

um artigo lido, já aplicada por 57%, e a pesquisa na *Medline*, via *Internet*, referida por 52%. Seguiram-se a pesquisa na *Medline*, com o apoio de bibliotecário (36%), a indicação de outro colega (28%) e a escolha ao acaso (15%).

Cerca de 94% dos respondentes tinham acesso a um computador pessoal (PC), sendo este acesso significativamente mais

frequente ( $p < 0,05$ ) entre os Internos do 2º (100%) e 3º (96%) anos comparativamente com os do 1º (80%). Não houve diferenças significativas entre IC e OF ou entre grupos etários.

O local de acesso a computador mais comum foi o domicílio (95%), seguido pelo local de trabalho (32%) e, mais raramente, pela biblioteca (12%) e por outros locais (2%).

Entre os inquiridos que afirmaram dispor de um PC, 85% tinham acesso à *Internet*. Os usos mais referidos para esse acesso foram a pesquisa de artigos na *Medline*, (67%) e o envio e recepção de correio electrónico (59%). Menos de metade (44%) dos inquiridos referiu aceder a revistas médicas *on-line*, e diversas outras aplicações foram mencionadas por 13%.

Os IC pareceram utilizar significativamente mais a *Internet* do que os OF para pesquisas na *Medline*, ( $p < 0,05$ ), assim como os inquiridos pertencentes a grupos etários mais jovens relativamente aos mais velhos ( $p < 0,05$ ) (Quadro VI). Não se encontraram outras diferenças nas aplicações do

#### QUADRO VI

USO DA INTERNET PARA PESQUISAS NA MEDLINE POR GRUPOS ETÁRIOS E SEGUNDO A SITUAÇÃO RELATIVA À FORMAÇÃO

SITUAÇÃO RELATIVA À FORMAÇÃO	PESQUISA NA MEDLINE ON-LINE		
	Sim, n (%)	Não, n (%)	p
Interno	44 (83)	9 (17)	0,04
Orientador	26 (60)	15 (35)	
GRUPO ETÁRIO			0,005
25-34 anos	36 (92)	3 (8)	
35-44 anos	16 (70)	7 (30)	
45-54 anos	16 (55)	13 (45)	

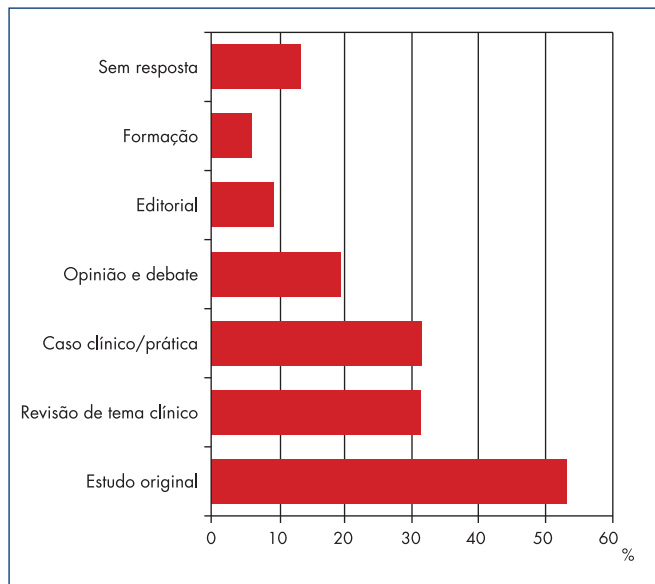


Figura 2. Tipos de artigos científicos anteriormente escritos pelos inquiridos para publicação.

acesso à *Internet* relativamente às restantes variáveis estudadas.

**D. Produção Científica para Publicação**

Só cerca de 1/4 dos inquiridos tinha escrito artigos científicos para publicação em revistas médicas.

Em mais de metade dos casos (53%), foram estudos originais os trabalhos publicados, seguindo-se-lhes em frequência os relatos de casos e os artigos de revisão, cada um deles previamente

elaborado por pouco mais de 30 % daqueles que tinham trabalhos publicados ou em publicação (Fig. 2).

As revistas onde foram publicados os artigos escritos pelos inquiridos foram na maior parte das situações publicações nacionais, destacadamente lideradas pela *Revista Portuguesa de Clínica Geral* (Quadro VII).

Foram os OF quem mais publicou, tendo a autoria de artigos publicados sido referida por mais de 50% deles, e por apenas 7% dos IC ( $p < 0,001$ ) (Fig. 3).

O estudo da taxa de publicação anterior de artigos em revistas médicas evidenciou igualmente diferenças estatisticamente significativas entre as 3 classes etárias ( $p < 0,001$ ). Apenas 6% dos inquiridos entre os 25 e os 34 anos publicara trabalhos; entre os 35 e os 44 anos, 32 % referiram tê-lo feito, e dos inquiridos de 45 a 54 anos, 45% eram autores de artigos científicos publicados. Não se encontraram diferenças significativas na taxa de publicação anterior de artigos quanto ao sexo, zona de

**QUADRO VII**

REVISTAS NAS QUAIS OS INQUIRIDOS HAVIAM PUBLICADO ANTERIORMENTE ARTIGOS

Revistas de Publicação	n	%
Revista Portuguesa de Clínica Geral	11	34
Acta Médica Portuguesa	1	3
Outras revistas portuguesas (várias)	12	38
Revistas espanholas	4	13
Revistas não ibéricas	2	6
Aguardando publicação	2	6

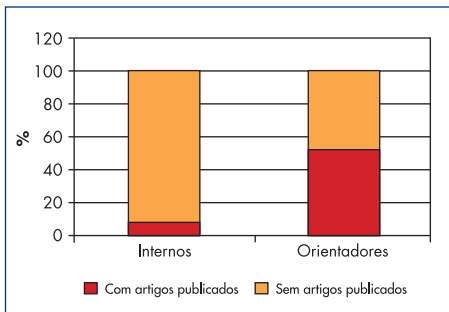


Figura 3. Autoria de trabalhos científicos publicados por Internos e Orientadores de Formação.



exercício profissional, ano do Internato ou grau de progressão na carreira.

### DISCUSSÃO

A amostra, embora obtida por técnica não probabilística, revelou-se no entanto satisfatoriamente representativa da estrutura da população estudada. Após a comparação das distribuições por sexos, classes etárias e locais de exercício profissional, bem como das proporções de IC e de OF na população e da amostra, verificou-se não existirem diferenças estatisticamente significativas entre os dois conjuntos. Esse dado permite-nos atribuir a este estudo alguma validade interna, apesar do método de amostragem. Torna-se no entanto necessário considerar, antes de generalizar os resultados à população, quer a dimensão relativamente pequena da amostra obtida, quer o facto de os indivíduos seleccionados terem sido aqueles que compareceram voluntariamente a uma reunião sobre recursos formativos em MGF. Apesar de a referida reunião ter sido dirigida a todo o universo dos OF e dos IC da região Norte e de os motivos da não comparência se terem prendido provavelmente com impedimentos conjunturais dos não participantes, é possível que os médicos que estiveram presentes e responderam ao questionário possam eventualmente ser considerados mais interessados pelo tema do que os colegas que não o fizeram. Assim, os resultados obtidos e discutidos em seguida poderão não ser totalmente aplicáveis, por esse motivo, à população estudada.

Parece ser a formação médica contínua (FMC) a função mais valorizada pelos respondentes a este estudo para as revistas médicas destinadas à MGF. Tratava-se de um dado esperado, que está de acordo com as conclusões de trabalhos anteriormente publicados<sup>6</sup>. Para a obtenção desse objectivo, deve-

rão aquelas publicações dar prioridade, no entender dos inquiridos e por ordem decrescente de preferência, à divulgação de *guidelines*/temas ligados à EBM, temas de revisão e estudos originais. Não sendo actualmente ampla a oferta em Portugal de artigos dedicados em particular ao primeiro, e mais pontuado, destes três tipos de artigo, não deixa de ser surpreendente que apenas 26% dos inquiridos considerem insuficiente a disponibilidade actual de revistas portuguesas, e citem na resposta a esta questão a investigação como a área mais carenciada, surgindo as *guidelines* apenas em 5º lugar nas áreas consideradas insuficientes.

A *Revista Portuguesa de Clínica Geral* (RPCG) foi a revista considerada de qualidade mais vezes citada como conhecida pelos inquiridos; parece ser também a mais lida e a mais utilizada para a divulgação de trabalhos científicos entre a população estudada. Sendo a RPCG a publicação de referência da MGF em Portugal, enquanto instrumento de FMC e espaço de reflexão sobre a profissão<sup>16</sup>, possuindo normas editoriais bem definidas e um sistema de revisão inter-pares dos artigos publicados, assim como uma boa acessibilidade aos seus conteúdos (distribuição gratuita aos sócios da Associação Portuguesa dos Médicos de Clínica Geral), era esperada a sua liderança destacada das preferências dos inquiridos.

Um conjunto de publicações nacionais que compreende vários jornais médicos de índole informativa geral e sem conteúdos científicos (*Médico de Família, Tempo Medicina, Revista da Ordem dos Médicos, Nortemédico*) surge em 4º lugar nas preferências de leitura, a seguir à *Postgraduate Medicine* e à *Update*. Estes resultados são comparáveis aos obtidos no estudo de Hespagnol *et al.*<sup>17</sup>, efectuado em 1993 entre os médicos da Secção Regional do Norte da Ordem dos Médicos inscritos no Colégio de MGF, que consideraram como leituras

preferenciais a aconselhar a um jovem médico a iniciar uma carreira de Médico de Família as revistas *Update*, *RPCG* e *Postgraduate Medicine* e os jornais *Tempo Medicina*, *Notícias Médicas* e *Médico de Família*.

A única publicação não ibérica prestigiada da área da MGF a ser referida por mais que um inquirido foi a *American Family Physician*, lida ainda assim por um pequeno número de respondentes (9%). Tratando-se de uma revista de grande qualidade e interesse, que tem um acesso fácil e gratuito aos seus conteúdos integrais através da *Internet*, seria provavelmente esperada uma maior frequência da sua leitura regular na população estudada. Cerca de 85% dos respondentes afirmou dispor de acesso à *Internet*, dos quais apenas 44% referiram utilizar esse acesso para a leitura de revistas médicas *on-line*. Aparentemente, este é pois um recurso subaproveitado pelos IC e OF, que provavelmente beneficiariam de intervenções dirigidas à divulgação dos recursos formativos em MGF actualmente disponíveis, incluindo os que se encontram *on-line*. Foram promovidas iniciativas formativas nesse âmbito pela Coordenação do ICCGZN, dirigidas quer a OF quer a IC; a aplicação do questionário cujos resultados serviram de base à realização deste trabalho antecedeu a realização de cada um das referidas reuniões. Seria interessante continuar a investigação aqui desenvolvida através do estudo da mesma amostra algum tempo decorrido após a participação na referida acção de formação, como forma de avaliar a eficácia e a utilidade da mesma para os participantes.

O conjunto dos inquiridos lera, em média, 1,7 horas na semana anterior ao inquérito. Este valor, não exacto mas resultante de um cálculo aproximado efectuado para possibilitar a comparação com outros presentes na bibliografia, parece situar-se abaixo de outros anteriormente publicados. Assim, Bar-

nard *et al.*<sup>18</sup> encontraram uma média semanal de 3,3 horas semanais de leitura de publicações científicas entre os médicos em fase de formação no *Australian College of General Practice Training Program* em 1994; Hespanhol *et al.*<sup>17</sup> referem por seu turno, no estudo já citado efectuado entre os médicos de Clínica Geral do Norte de Portugal, cerca de 5 horas semanais dedicadas à leitura científica.

Aparentemente, a população considerada dedica, pois, menos tempo à leitura do que outras previamente estudadas, quer de médicos em formação, quer de médicos de família que já haviam completado o seu período formativo. Segue no entanto a mesma tendência de outros trabalhos evidenciando um maior número de horas semanais de leitura entre os médicos com responsabilidades de formador<sup>7</sup> e com maior número de anos de experiência profissional<sup>8</sup>. Estas conclusões, cuja validade poderá estar parcialmente comprometida por decorrerem de um cálculo aproximado e não de valores exactos, poderão no entanto ser reveladoras da difícil gestão do tempo imposta aos IC de Clínica Geral por um Internato de curta duração com um número considerável de sucessivas tarefas que nele devem ser cumpridas, e aos OF por uma crescente pressão assistencial aliada às actividades relacionadas com a formação. Embora esta suposição não resulte directamente dos resultados deste estudo, parece lógica e poderá constituir uma questão interessante a explorar em futuros trabalhos.

As necessidades de consulta de revistas médicas crescem claramente ao longo da evolução do Internato, com uma frequência que parece relacionar-se, tal como outros aspectos dos hábitos de leitura desta população já discutidos acima, com as necessidades formativas e a prática profissional prévias dos inquiridos. O recurso clássico às bases de dados para pesquisa bibliográfica (como a

*Medline*<sup>®</sup>), apesar de comum, foi ultrapassado ainda pelo uso das referências de um artigo para a pesquisa de outros relacionados. É de realçar o facto de 15% dos respondentes afirmarem ter seleccionado, em revisões bibliográficas prévias, artigos ao acaso, evidenciando lacunas nos conhecimentos sobre técnicas de pesquisa bibliográfica, tema que será portanto útil incluir em futuras acções de formação para IC e OF do Internato Complementar de Clínica Geral.

As novas tecnologias da informação estavam ao dispor de uma proporção importante da população estudada, maioritariamente no domicílio, onde 94% dos inquiridos possuía computador pessoal (PC).

Embora não tenha sido estudado em detalhe, existe a percepção de que os inquiridos utilizavam o acesso à *Internet* preferencialmente no domicílio, uma vez que cerca 56% dos respondentes referiram não ter acesso a PC no local de trabalho ou biblioteca, todos estes contudo tendo-o em casa. Considerando que apenas 85% dos inquiridos que referiram ter PC no domicílio afirmaram ter acesso à *Internet*, as limitações de utilização deste importante veículo de acesso à formação eram ainda consideráveis entre a população estudada à data de realização deste trabalho. Os Internos pareceram no entanto lidar com mais à-vontade com estes recursos do que a generalidade dos Orientadores, nomeadamente no que diz respeito à sua aplicação em pesquisas bibliográficas na *Medline*<sup>®</sup>. A divulgação das suas potencialidades e o treino da sua utilização poderão ser práticas úteis no aumento da adesão ao seu uso.

A taxa de publicação de artigos científicos encontrada foi globalmente baixa nesta população. Era esperada a diferença observada entre OF e IC, uma vez que as oportunidades de publicação terão sido necessariamente mais entre os inquiridos com uma mais longa car-

reira profissional, como será o caso dos formadores. Um grande número de trabalhos científicos produzidos, em particular durante o Internato, é apenas divulgado oralmente sem nunca chegar a ser empreendida a sua publicação, perdendo-se assim um volume significativo de informação. O estímulo à produção científica de qualidade e à sua divulgação escrita como forma de partilha de conhecimentos é desejável, e necessário à correcção gradual do défice de cultura de investigação geralmente reconhecido como existente na área da MGF<sup>16</sup>.

Uma acessibilidade menor dos Médicos de Família exercendo em meio rural à leitura de revistas médicas e ao apoio da informática e da *Internet* nas suas actividades de FMC, referida em alguns dos trabalhos encontrados na bibliografia<sup>9</sup>, não foi aparente nos resultados deste estudo. Os IC e OF das áreas do Grande Porto, Litoral Norte e Interior Norte não mostraram entre si diferenças significativas em termos de hábitos e necessidades de leitura, acesso a recursos informáticos e produção científica anterior, fazendo supor não serem a interioridade ou o afastamento geográfico dos grandes centros, na Zona Norte de Portugal, condicionantes de uma FMC substancialmente diferente, em matéria de actividades formativas individuais, nas regiões litorais e nas interiores. Sê-lo-iam provavelmente se o acesso preferencial às revistas se efectuasse através de bibliotecas, mais escassas no Interior. O questionário aplicado não inclui questões sobre o modo de obtenção de acesso às revistas (assinatura ou recepção postal gratuita, acesso via *Internet* ou bibliotecas), mas apenas sobre o local onde são lidas; trata-se de um aspecto que será útil corrigir em futuras utilizações do mesmo. Sendo a recepção postal e o acesso electrónico domiciliário cada vez mais utilizados, e não existindo diferenças entre as áreas urbanas e as rurais

na disponibilidade destes dois recursos, não eram por isso esperadas disparidades entre ambas no que à leitura de revistas médicas diz respeito, tal como efectivamente se verificou.

### CONCLUSÕES

Os hábitos de leitura dos Internos Complementares e dos Orientadores de Formação do ICCGZN parecem resultar directamente das necessidades formativas ou da prática individual dos inquiridos, dedicando estes à leitura de revistas médicas menos tempo do que outras populações estudadas.

Os Internos parecem mais familiarizados com a *Internet*. Os Formadores, tendo tido mais oportunidades, publicaram mais trabalhos científicos.

Será útil a inclusão, ou o seu desenvolvimento nos casos em que já existam nos programas de formação de Internos e Orientadores, de matérias relativas a técnicas eficazes de pesquisa bibliográfica e recursos de qualidade na FMC em MGF. O incentivo à gestão de períodos regulares de leitura de artigos científicos e à produção científica de qualidade e sua divulgação escrita serão estratégias desejáveis na promoção da cultura científica em MGF.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Nylenna M, Aasland OG. Primary care physicians and their information seeking behaviour. *Scand J Prim Health Care* 2000 Mar; 18(1): 9-13.
2. Wyatt J. Use and sources of medical knowledge. *Lancet* 1991; 338 (8779): 1368-73.
3. Carneiro AV. Um instrumento para a mudança da prática médica: a "Medicina Baseada na Evidência". *Med Interna* 1998; 5(2): 133-8.
4. Sousa JC. Formação médica contínua em clínica geral em Portugal: uma reflexão sobre necessidades e as responsabilidades individuais e institucionais. *Rev Port Clin Geral* 1997;14 (2):128-131.
5. Direcção Nacional da Associação Portuguesa dos Médicos de Clínica Geral. *Um Futuro para a Medicina de Família em Portugal*. Lisboa: Edições Especiais APMCG. 1991.
6. Grol R, Zwaard A, Mookink H, Dalhuijsen J, Casparie A. Dissemination of guidelines: which sources do physicians use in order to be informed? *Int J Qual Health Care* 1998 Apr; 10(2): 135-40.
7. MacAuley D, McCrum E, Brown C. Randomized controlled trial of the READER method of critical appraisal in general practice. *BMJ* 1998 Apr 17; 316 (7138): 1134-37.
8. Goulet F, Gagnon RJ, Desrosiers G, Jacques A, Sindon A. Participation in CME activities. *Can Fam Physician* 1998 Mar; 44: 541-8.
9. Hoyal FM. "Swallowing the medicine": determining the present and desired modes for delivery of continuing medical education to rural doctors. *Aust J Rural Health* 1999 Nov; 7(4): 212-5.
10. Martins e Silva, J. Elementos para a análise pedagógica de um curso inserido na área da educação médica pós-graduada. *Rev Interno* 1992; 3(1): 13-23.
11. Sousa JC, Maio R. Necessidades de formação médica contínua nos médicos de Clínica Geral da Região Norte - a perspectiva dos médicos com responsabilidades de formação. *Educ Med* 1997;8(2): 98-111.
12. Sousa JC, Maio R. Um ano de formação médica contínua na Região Norte e necessidades e expectativas dos médicos de Clínica Geral. *ICGZNotícias* 1996 Jul/ Dez; 3 (2): 2-8.
13. Nomenclatura das Unidades Territoriais para Fins Estatísticos (NUTS III) [consultado em 01 Ago 2001]. Disponível em: URL: <http://www.infoline.ine.pt>.
14. Microsoft® Excel 2000 [programa de computador]. Version 9.0.2912. Redmond (WA): Microsoft Corporation: 1999.
15. SPSS, for Windows[programa de computador]. Release 7.5.1. Chicago (IL): SPSS Inc.: 1996.
16. Sousa JC, Sardinha AM, Sanchez JP, Melo M, Ribas MJ. Os cuidados de saúde primários e a medicina geral e familiar em Portugal. *Rev Port Saúde Pública*, 2001; vol. temático 2: 63-74.
17. Hespagnol A, Pinto AS. A formação contínua em Medicina Geral e Familiar: a perspectiva dos CG/MF do Norte de Portugal. *Educ Med* 1997; 8(2): 84-97.
18. Barnard A, Kamien M. The reading habits of RACGP Training Program doctors. *Aust Fam Physician* 1994 Sep; 23(9): 1752-6, 1758, 1760.

### Agradecimentos

À Dr<sup>a</sup> Conceição Outeirinho, Coordenadora do Internato Complementar de Clínica Geral da Zona Norte, e às funcionárias da mesma Coordenação Guilhermina Archer, Faustina Azevedo e Sónia Caneca, pela disponibilização dos dados demográficos relativos à população de Internos e Orientadores de Formação da Zona Norte.

### Endereço para correspondência

Jaime Correia de Sousa  
Rua Pedro Hispano, 118-1º Dto  
4100-328 Porto  
jaime.correiasousa@mail.telepac.pt

Recebido para publicação em: 04/07/04  
Aceite para publicação em: 29/07/04

#### MEDICAL PUBLICATIONS AND TRAINING IN FAMILY MEDICINE

##### ABSTRACT

*Introduction: The Vocational Training (VT) Programme is a period where Continuing Medical Education (CME) can be promoted; to plan CME activities it is important to reach a better insight into it's features among doctors involved in VT.*

*Aims: To describe the reading habits and needs of medical literature, the strategies for access to information and publishing of scientific papers among VT Trainers and Trainees in the Northern Region of Portugal.*

*Methods: A cross-sectional study was performed in April / May 2001 in a sample of 72 trainees and 48 trainers through a self-administered questionnaire.*

*Results: The favourite publication was the Portuguese GP Magazine (60%); 55% of the participants had spent 1h or less in the previous week reading scientific journals. The trainers declared having spent more time than trainees in the reading of scientific articles. Revision papers are read more often and by a bigger amount of participants than original studies. About 94% of participants had access to a personal computer; 85% could access the Internet. Trainees have significantly more use of Internet than Trainers. Only 1/4 of the participants had ever published a scientific paper; 53% of these were research papers. Trainers published more than trainees.*

*Discussion: Reading habits seem to derive mostly from the participants training needs. Trainees seem to be more at ease with the Internet. Trainers, having had more opportunities, have published more. The participants used less time in the reading of medical publications than was found in other papers.*

*Key-words: Continuing Medical Education, Medical Publications, General Practice Vocational Training*

## ANEXO 1

## Questionário sobre Revistas Médicas e seu papel na formação

Por favor responda a este questionário. Solicitamo-lhe o maior rigor possível nas respostas.  
Os resultados são anónimos.

1	Por favor indique os nomes de cinco revistas médicas, portuguesas e estrangeiras, que conhece e considera de maior qualidade e interesse.	_____ _____ _____ _____ _____
2	Quais são as revistas médicas, portuguesas e estrangeiras, que costuma ler com regularidade?	_____ _____ _____ _____ _____
3	Onde lê habitualmente revistas médicas? (Pode assinalar mais de uma possibilidade)	No local de trabalho _____ <input type="checkbox"/> Em bibliotecas _____ <input type="checkbox"/> Em casa _____ <input type="checkbox"/> Outros locais _____ <input type="checkbox"/> Quais? _____ <input type="checkbox"/>
4	Onde prefere ler revistas médicas? (escolha a hipótese que corresponde ao local que mais lhe agrada)	No local de trabalho _____ <input type="checkbox"/> Em bibliotecas _____ <input type="checkbox"/> Em casa _____ <input type="checkbox"/> Outros locais _____ <input type="checkbox"/> Quais? _____ <input type="checkbox"/>
5	Quanto tempo dedicou, na última semana, à leitura de artigos de revistas médicas?	Menos de 1 hora _____ <input type="checkbox"/> Cerca de 1 hora _____ <input type="checkbox"/> Cerca de 2 horas _____ <input type="checkbox"/> Cerca de 3 horas _____ <input type="checkbox"/> 4 ou mais horas _____ <input type="checkbox"/>
6	Quanto tempo de atenção costuma dispensar a um artigo de «interesse médio» numa revista médica?	Menos de 5 minutos _____ <input type="checkbox"/> 5 a 10 minutos _____ <input type="checkbox"/> 10 a 15 minutos _____ <input type="checkbox"/> 15 a 20 minutos _____ <input type="checkbox"/> Mais de 20 minutos _____ <input type="checkbox"/>
7	Acha que as revistas médicas actualmente publicadas em Portugal cobrem os seus interesses ou necessidades de leitura?	Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> (Passe à nº 9)
8	Se respondeu NÃO à pergunta nº 7, indique, por favor, quais as áreas ou assuntos que, para si, estão insuficientemente cobertos.	_____ _____ _____ _____ _____

<p>9 Indique, por ordem de preferência (1, 2 e 3) as secções às quais deverá ser dada prioridade numa publicação destinada à MGF.</p>	<p>Editoriais _____ <input type="checkbox"/>                  Estudos Originais _____ <input type="checkbox"/>                  Revisão de temas clínicos _____ <input type="checkbox"/>                  Formação _____ <input type="checkbox"/>                  Guidelienes/EBM _____ <input type="checkbox"/>                  Opinião e debate _____ <input type="checkbox"/>                  Casos clínicos/prática _____ <input type="checkbox"/>                  Cartas ao editor _____ <input type="checkbox"/></p>
<p>10 Indique quais são, na sua opinião (por ordem de importância – (1ª, 2ª e 3ª) as três funções mais importantes para uma publicação destinada à MGF.</p>	<p>Divulgação de trabalhos de investigação _____ <input type="checkbox"/>                  Formação médica contínua _____ <input type="checkbox"/>                  Criação de padrões de qualidade da prática clínica _____ <input type="checkbox"/>                  Confronto e debate de opiniões e ideias _____ <input type="checkbox"/>                  Informação médica em geral _____ <input type="checkbox"/>                  Divulgação de experiências locais _____ <input type="checkbox"/>                  Informação e aspectos lúdicos, em geral _____ <input type="checkbox"/>                  Outra(s) _____ <input type="checkbox"/></p>
<p>11 Costuma ler os «Estudos Originais» (trabalhos de investigação com métodos, resultados e discussão) das revistas que mencionou em 2?</p>	<p>Nunca _____ <input type="checkbox"/>                  Raramente _____ <input type="checkbox"/>                  Às vezes _____ <input type="checkbox"/>                  Frequentemente _____ <input type="checkbox"/></p>
<p>12 Costuma ler os «Artigos de Revisão de Temas Clínicos» das revistas que mencionou em 2?</p>	<p>Nunca _____ <input type="checkbox"/>                  Raramente _____ <input type="checkbox"/>                  Às vezes _____ <input type="checkbox"/>                  Frequentemente _____ <input type="checkbox"/></p>
<p>13 Já alguma vez escreveu artigos para revistas médicas (qualquer revista)?</p>	<p>Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/>                  (Passe à nº 16)</p>
<p>14 Se sim, que tipo de artigo?                  (Pode assinalar mais de uma possibilidade)</p>	<p>Editorial _____ <input type="checkbox"/>                  Estudo Original _____ <input type="checkbox"/>                  Revisão de tema clínico _____ <input type="checkbox"/>                  Formação _____ <input type="checkbox"/>                  Opinião e debate _____ <input type="checkbox"/>                  Caso clínico/prática _____ <input type="checkbox"/>                  Carta ao editor _____ <input type="checkbox"/></p>
<p>15 Em que revista(s) médica(s), portuguesas ou estrangeiras publicou o(s) referido(s) artigo(s)?</p>	<p>_____                  _____</p>
<p>16 Já teve alguma vez necessidade de consultar artigos de qualquer tipo em revistas médicas?</p>	<p>Nunca _____ <input type="checkbox"/>                  Uma vez _____ <input type="checkbox"/>                  Duas a três vezes _____ <input type="checkbox"/>                  Mais de três vezes _____ <input type="checkbox"/></p>

17	Como os seleccionou? (Pode assinalar mais de uma possibilidade)	Na Medline (ajuda de bibliotecário) ____ <input type="checkbox"/> Na Medline (pesquisa na <i>Internet</i> ) ____ <input type="checkbox"/> Indicação de outro colega ____ <input type="checkbox"/> Referências de uma revista ____ <input type="checkbox"/> Ao acaso ____ <input type="checkbox"/>
18	Tem acesso a computador pessoal (PC)?	Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> (Passe à nº 22)
19	Se sim, onde?	Em casa ____ <input type="checkbox"/> No local de trabalho ____ <input type="checkbox"/> Em bibliotecas ____ <input type="checkbox"/> Outros locais ____ <input type="checkbox"/> Quais? _____
20	Tem acesso à <i>Internet</i> ?	Sim <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> (Passe à nº 22)
21	Se sim, costuma utilizar a <i>Internet</i> para: (Pode assinalar mais de uma possibilidade)	Correio electrónico (E-mail) ____ <input type="checkbox"/> Pesquisa de artigos científicos na Medline ____ <input type="checkbox"/> Acesso a revistas médicas <i>online</i> ____ <input type="checkbox"/> Outra actividade ____ <input type="checkbox"/> Qual? _____
<b>Dê-nos, por favor, alguns dados de ordem pessoal</b>		
22	Sexo	Feminino                      Masculino
23	Idade	_____ anos
24	Concelho onde trabalha	_____
25	Situação profissional	Interno Complementar de MGF <input type="checkbox"/> ano ____ Assistente de MGF ____ <input type="checkbox"/> Consultor de MGF ____ <input type="checkbox"/> Chefe de serviço de MGF ____ <input type="checkbox"/>

MUITO OBRIGADO pela sua colaboração



**ANEXO 2**  
**ORGANIZAÇÃO DOS CONCELHOS DO NORTE DE PORTUGAL**  
(adaptado a partir da NUTS III, INE, 2000)

<b>GRANDE PORTO</b>	<b>LITORAL NORTE</b>
Gondomar Maia Matosinhos Porto Póvoa de Varzim Valongo Vila do Conde Vila Nova de Gaia Trofa Santo Tirso	Barcelos Braga Caminha Esposende Fafe Guimarães Lousada Paços de Ferreira Paredes Penafiel Viana do Castelo Vila Nova de Cerveira Vila Nova de Famalicão Vizela
<b>INTERIOR NORTE</b>	
Alfândega da Fé Alijó Amarante Amares Arcos de Valdevez Baião Boticas Bragança Carrazeda de Ansiães Cabeceiras de Basto Celorico de Basto Chaves Felgueiras Freixo-de-Espada-à-Cinta Macedo de Cavaleiros Marco de Canaveses Miranda do Douro Mirandela Melgaço Mesão Frio Monção Mondim de Basto	Montalegre Murça Paredes de Coura Peso da Régua Ponte da Barca Ponte de Lima Póvoa de Lanhoso Ribeira de Pena Sabrosa Santa Marta de Penaguião Terras de Bouro Torre de Moncorvo Valença Vila Verde Vieira do Minho Valpaços Vila Flor Vila Real Vila Pouca de Aguiar Vimioso Vinhais